



## ROMA VICTOR! UM ESTUDO SOBRE O EXÉRCITO ROMANO REPUBLICANO E IMPERIAL

*Helton Augusto Piotrowski - PIC-UEM*

Os tempos áureos haviam passado, a glória e orgulho havia ficado para trás, aos romanos só restava a nostalgia e a tentativa de trazer os tempos do apogeu do Império, Flávio Vegetio Renato foi um desses romanos. A crise do século III é o contexto que Vegetio provavelmente viu em seus anos como *comes sacrarum largitionum* no reinado de Teodósio I, e o fizeram escrever o *Epitoma Rei Militares*, tanto ele como Cícero e outros autores (embora nem todos contemporâneos) imperiais que vêm a imagem do homem romano como mais culto do que os bárbaros que o circundavam demonstravam essa preocupação com crise do grandioso império e a degradação dessa grandeza pela influência dos bárbaros, Vegetio achava que a moral militar era o segredo do sucesso romano já “Cícero acreditava que o fator militar não bastava para explicar o domínio romano sobre o mundo.” (Giardina, pg 7, 1989) esse trabalho tem como objetivo em um primeiro momento apresentar um panorama da evolução das forças armadas de Roma antiga desde seus primórdios até o Império pelo prisma da história militar.

Vegetio escreve sua obra como uma tentativa fazer com que um grande imperador (segundo o próprio Vegetio), como Teodósio I, trouxesse de volta os ideais romanos e com eles a glória dos tempos áureos segundo ele a degradação do império se dá devido a perda das tradições do exército romano, em meados do século II ainda no reinado de Marco Aurélio, os bárbaros começaram a serem aceitos nas fileiras do exército romano em uma pequena proporção, mas essa proporção foi aumentando com o decorrer do tempo e das necessidades de contingente militar, no reinado de Teodósio I as legiões romanas ainda mantinham em sua maioria, romanos em seu corpo, porém a proporção de bárbaros incorporados era muito maior que no tempo de Marco Aurélio.

Para Vegetio o exercício das armas (*armorum exercitio*); a disciplina dos acampamentos (*disciplina castrorum*); e o modo de utilizar o exército (*usus militiae*); era o que garantia aos romanos menos fortes, menos ricos e menos astutos e corpulentos que os bárbaros, a superioridade militar, esses três fatores combinados faziam a força dos soldados romanos, no entanto com a introdução dos bárbaros no interior do exército ficava impossível

atingir essa formula já que aos bárbaros a *disciplina castrorum* e o *usus militiae* senão inexistentes divergiam dos modos romanos sendo assim era impossível irradiar o *ethos* guerreiro dos romanos em seu próprio exército.

### **Os primórdios da Legião: A herança grega**

O exército romano não tornou-se a conhecida maquina de guerra da antiguidade em um curto período de tempo seus atributos e eficiência foram no decorrer dos séculos sendo aperfeiçoadas mediante apropriação de novas e melhores tecnologias dos ditos povos bárbaros enfrentados assim como a herança das ciências bélicas “os romanos sustentaram que tinha tomando suas táticas aos etruscos, mas parece mais plausível que tenham importado dos gregos” (Keegan, 2006: pg 340,) a falange grega mais tarde aperfeiçoada por Felipe da Macedônia e seu filho Alexandre, O grande foi a base para que os romanos desenvolvessem séculos mais tarde suas próprias táticas de combate.

A falange grega foi por séculos o mais avançado dispositivo tático do globo, sendo entre outras coisas, a razão da hegemonia das cidades estados gregas sobre os outros povos da Hélade, batalhas como a de Maratona (490 a.C.) e Termópilas (480 a.C.) demonstram a superioridade das ciências bélicas gregas mediante a outros povos também guerreiros.

Me parece incorreto dizer que a falange grega foi superada pelas posteriores táticas desenvolvidas por Epaminondas e Felipe na verdade ao meu ver o mais correto seria dizer que a falange grega sofreu um processo revisão e aperfeiçoamento gradual mas mantendo sempre suas características marcantes a organização tática da legião romana ao meu ver nada mais é do que um desdobramento da falange grega.

A herança grega deixada aos romanos foi essencial para o nascimento da maquina de guerra romana, já no período da realeza quando Roma inicia o processo de conquista da região do Lácio os romanos adquirem uma incontestável superioridade militar isso se deve ao fato de que o exército romano havia herdado o que de mais avançado havia no período se tratando das artes militares em especial as táticas terrestres (talvez com exceção das artes bélicas do extremo oriente), a herança grega deixada aos romanos foram séculos de aperfeiçoamento das ciências bélicas, a falange macedônica serviu de modelo para as primeiras organizações táticas do exército romano e foi a base para a criação da primeira falange legionária, resumindo pode-se dizer que na corrida armamentista da antiguidade Roma largou com uma grande vantagem em relação a seus concorrentes.

Durante os séculos IV e VII ainda sob domínio etrusco há um grande desenvolvimento dos exércitos devido às constantes lutas na expansão para as regiões do Lácio foi neste

período que o rei romano Servio Túlio instituiu o alistamento censitário romano (*comitia centuriata*). As legiões lutavam copiando as táticas dos admirados gregos antigos; nos primeiros tempos a infantaria atacava sem ordem definida de batalha depois foi adotada a disposição de falange de seis ou oito fileiras, as armas eram providas pelos próprios soldados e a ordem destes nas fileiras era definida por suas riquezas nesse período o exército romano começa, ainda que timidamente, a criar uma própria “identidade militar”.

### **Nascimento do Exército Romano**

O primeiro passo para o nascimento de uma identidade militar romana foi dado em 390 a.C. quando tribos gaulesas vindas no norte do Danúbio cruzaram as fronteiras romanas e invadiram a península itálica derrotando os exércitos romanos e arrasando Roma, uma vergonhosa derrota a razão da avassaladora vitória dos exércitos bárbaros sobre Roma era de que a formação em falanges havia se tornado antiquada, ela podia ter sido imbatível na Grécia antiga contra grandes contingentes de homens pesadamente armados porém contra infantaria leve e rápida dos bárbaros gauleses tinham poucas chances já que pela composição e organização de seus membros era lenta e de pouca mobilidade fazia-se necessário uma mudança radical nas forças armadas.

O censor Marco Furio Camilo é o nome ao qual se atribui tal reforma nas forças armadas, Camilo introduziu novos armamentos e revolucionárias táticas de batalha no corpo militar romano, sem dúvida a mais importante delas foi o abandono das antiquadas tática da falange grega por uma formação tri linear, agora a formação tática não mais era um único bloco massivo de soldados em marcha, a formação, dividida em manípulos e contava com três linhas principais os *hastati*, homens na flor da idade que avançavam na linha de frente, os *principes*, a que eram homens de meia idade e seguiam ao centro e os *triarii* homens já maduros na retaguarda, a razão para qual o mais jovens seguiam na linha de frente seria de que caso estes fugissem ao combate a batalha ainda poderia ser vencida pelos experientes veteranos de guerra que os seguiam se por acaso os veteranos seguissem na linha de frente e no decorrer da batalha fossem derrotados ou fugissem ao combate isso acarretaria um enorme dano no moral das tropas que viriam em seguida.

Entre os *hastati* haviam dois tipos de tropas: alguns poucos homens de infantaria leve carregando uma lança e alguns javelins (*velites*) e homens com uma armadura, espadas curtas e carregando o *scutum*, o tradicional escudo retangular dos legionários que nesse momento chegava para substituir o *clipeus* um pequeno escudo circular que partia-se fácil contra as longas e curvas espadas gaulesas.

A elite da legião os príncipes também eram armados com o *scutum*, espadas e armaduras logo atrás deles vinham os estandartes das legiões que eram carregados pelos *vexillarius* e as *vexilia*, companhias das tropas de retaguarda que eram compostas pelos *triarrii*, atrás das fileiras dos *triarri* ainda estavam os *rorarii*, recrutas mais jovens que os *hastati* e os *accensi*, homens com menos importância que serviam como tropas auxiliares (arqueiros, operadores de máquinas de guerra etc) quando necessário.

O próprio Vegetio dedica um capítulo de seu *Epitoma* sobre a organização dos *triarrii* e da retaguarda:

*“Por trás de todas as linhas estavam colocados os triarri com seus escudos, lorigas, couraças e provistos de grevas e com suas espadas e semiespadas, os dardos emplumados e os dois tipos distintos de lanças, esperando com o joelho apoiado na terra com a finalidade de que, em caso de as primeiras linhas caíssem derrotadas, pudesse haver esperança de vitória travando novamente combate com suas forças integras. Todos os antesignados e porta estandartes, que também formavam parte do exercito de infantaria, usavam couraças menos e elmos recobertos com peles e ossos para infringir medo nos inimigos” (Vegetio, 2006:218).*

Junto de cada uma dessas companhias haviam 300 homens de cavalaria auxiliar. Totalizando 5000 homens em uma legião.

Camilo também fez modificações no arsenal a lança deixada foi de lado como arma primária e a espada curta de dois gumes (*gladius*) tornou-se a principal arma, no entanto a lança não foi totalmente abandonada ela foi mantida como arma de arremesso (*pilum*) e de defesa para se evitar a aproximação de inimigos que visavam usar espadas há controvérsias sobre a origem do *pilum* e se ele pode mesmo se atribuído a Camilo como diz o arqueólogo Graham Webster:

*“Há muita discussão sobre a origem do pilum, alguns dizendo que te origem na Iberia, outros que essa era uma arma dos aliados romanos, no entanto pilum também significa pilão. O método primitivo de moagem era o de martelar os grãos em um almofariz com um longo e pesado pilão de madeira que poderia ser oco em seu centro para facilitar o manuseio. Tal instrumento afiado em seu fim e com sua ponta endurecida pelo fora daria uma admirável lança [...] O pilum provavelmente passou por consideráveis mudanças durante um longo período de tempo e se de fato é uma arma atribuída a Camilo, ele pode ter dito aos legionários romanos que a usassem como uma lança de estocada para frustrar a longa espada gaulesa. Para adquirir o melhor efeito, o pilum pode ter precisado de uma pequena ponta de ferro. Outra possibilidade, preferida por Couissin, is que o pilum se originou do verutum, uma longa e fina lança de estacado usada pelos velites.” (Webster, 1979:24-25)*

O pequeno e redondo *clipeus* de inspiração grega foi substituído pelo grande e retangular *scutum* que teve suas bordas reforçadas com bronze para que pudesse suportar os golpes das pesadas espadas gaulesas e por ser maior fornecia maior proteção ao corpo do soldado, os capacetes feitos de bronze se mostravam ineficazes para deter os golpes das

espadas pesadas e foram substituídos por capacetes feitos de ferro com um novo design que oferecia mais proteção a cabeça e pescoço do legionário.

O historiador romano do século I d.C, Tito Lívio deixou um detalhado relato sobre o modo de lutar das legiões segundo Tito Lívio os *hastati* iniciavam o combate primeiro com os *velites* afligindo o inimigo com seus javelins até que o inimigo se aproximasse logo em seguida os *velites* se abrigavam nos flancos junto a cavalaria e a retaguarda para garantir uma possível retirada dos soldados. Os *hastati* engajavam-se no combate corpo a corpo com o inimigo e caso fossem repelidos recuavam, tendo seu recuo garantido pelos *velites* e a cavalaria, para as fileiras dos *princeps* que avançavam contra o inimigo os *triarii* ajoelhavam com a proteção de seus escudos e com suas lanças agressivamente apontadas para frente fazendo uma parede de lanças caso os *princeps* também não fossem bem sucedidos estes recuavam para trás dessa parede de lanças dos *triarii* que se engajavam no combate caso nem mesmo os *triarii* conseguissem obter a vitória as tropas se retiravam com o apoio dos *velites* e das tropas auxiliares, a vantagem dessa configuração de tropas era de que os romanos podiam sempre apresentar soldados novos e descansados para o combate e ainda permitir que os cansados pudessem recuperar suas forças por de trás das linhas de combate, havia uma verdadeira “reciclagem” dos soldados durante a batalha o que aumentava a eficiência e durabilidade das tropas em combate e provinha um impacto sobre o moral dos inimigos que viam sempre novos soldados surgirem no campo de batalha.

Com essa reforma os romanos conseguiram não só derrotar os gauleses, mas também se estabelecer na vanguarda das ciências bélicas tomando o lugar que séculos antes tinham pertencido a seus inspiradores, os gregos. Camilo criou as bases dos exércitos romanos nos próximos quinhentos anos com suas reformas Roma adquire uma singular “identidade militar” não mais se baseando completamente em modelos gregos.

A nova legião romana foi posta a prova no começo do século III quando Roma teve de enfrentar pela primeira vez um exército profissional, em 281 a.C. Roma conquista a cidade costeira de Tarentum na costa sul da Itália e estabelece seu domínio sobre ela, no entanto os tarentinos descontentes com o domínio romano pedem ajuda a Pirro, rei de Epirus para libertar a cidade, este atende a desembarca na península itálica com seus exércitos que contava com elefantes e infantaria pesada que utilizava as mesmas formações de falange abandonadas pelos romanos nas reformas de Camilo.

Foi um duro teste para as “novas” legiões que inicialmente amargaram derrotas graças a cavalaria superior de Pirro e um novo elemento ainda pouco conhecido aos romanos, os elefantes. Em 280 a.C. as legiões são derrotadas na Batalha de Heraclea e em 279 a.C. Pirro

obtêm uma custosa vitória em Asculum em 275 a.C. após a inconclusiva batalha de Beneventum Pirro decide encerrar sua campanha na Itália.

Em meados do século III mediante a uma disputa pelo território das ilhas da Sicília, Sardenha e Córsega que possuíam um grande valor comercial, pois eram importantes pontos de comércio Roma enfrenta sua primeira guerra contra uma grande potência, Cartago. O conflito contra o Império cartaginês, as Guerras Púnicas, foi travado entre 264 -146 a.C. e foi de grande importância para a evolução das legiões. A primeira guerra Púnica foi travada quase inteiramente nos mares da Sicília e teve um aspecto estritamente naval, aos romanos não era totalmente estranha a guerra marítima, no entanto a vitória na primeira guerra Púnica foi um grande triunfo visto que tiveram de enfrentar uma marinha maior e muito mais experiente essa vitória foi possível graças a inovações tecnológicas na ciência e construção naval, nessa guerra Roma garantiu seu primeiro domínio fora da península Itálica. Enquanto a Primeira guerra púnica teve um aspecto estritamente naval a segunda guerra Púnica teve um aspecto mais terrestre.

Em 218 Cartago decide expandir suas fronteiras aos territórios ibéricos e o jovem general cartaginês Aníbal Barca desembarca com seu exército composto de elefantes tropas hispânicas e mercenárias de várias nações, na península Ibérica e toma a cidade de Saguntum aliada de Roma iniciando assim a segunda guerra Púnica, uma guerra que ensinaria valiosas lições aos generais romanos. Aníbal além das ambições sobre a península Ibérica ainda possuía um profundo sentimento de rancor em relações aos dominadores do Lácio.

Após a conquista da Saguntum Aníbal marchou com seu exército através dos Alpes para alcançar o território da Itália e iniciar uma série de avassaladoras vitórias sobre os exércitos romanos em 218 mesmo tendo perdido grande parte de seus elefantes e uma parte significativa de suas tropas na travessia dos Alpes o general cartaginês obtêm uma grande vitória em Trebia e mantêm seu avanço sobre a Itália derrotando no ano seguinte os romanos no lago Trasimene. Aníbal havia percebido que a grande fraqueza das legiões também era sua maior qualidade após anos de lutas bem sucedidas os romanos aprenderam a confiar em suas táticas de batalha que por serem tão superiores lavaram a uma impressão de que não podiam ser derrotadas aos generais bastava apenas guiar seus soldados em direção a batalha e esperar que os soldados fizessem seu trabalho o excesso de confiança em suas táticas era um erro pelo qual os romanos pagariam caro em Cannas, até o surgimento de Cipião (que mais tarde ganharia alcunha de “o Africano”) Roma tinha um déficit de bons generais que pudessem de fato enfrentar adversários como Aníbal, ele também percebeu que a cavalaria romana era fraca e vulnerável nesse período os próprios soldados ainda tinham de prover seus

armamentos sendo assim o luxo de se ter um cavalo de batalha era apenas aos mais ricos sendo assim a cavalaria ainda era pouco especializada e expressiva.

Pela primeira vez Roma se via em um estado de guerra total Aníbal marchava entre suas fronteiras sem ser detido em 216 o senado romano envia novas forças para detê-lo, o general romano designado pelo senado [Quintus Fabius Maximus](#) estava a par da superioridade tática do exército cartaginês e preferiu utilizar uma estratégia para evitar o combate direto e em campo aberto tal estratégia estava obtendo um lento, porém promissor sucesso, no entanto à medida que as forças do senado vão se reerguendo estes passam a dúvida da eficácia e da coragem de Fabio e após alguns meses seu mandato como ditador não é renovado e o comando de suas legiões passa para [Gaius Terentius Varro](#) e [Lucius Aemilius Paullus](#) (nesse período ainda havia o costume de designarem-se dois cônsules que se revezavam no comando das legiões) Varro opta insistentemente por um conflito direto e definitivo com os cartagineses e para tal convocada um contingente de soldados fora do comum para a tarefa como comenta o historiador grego do século II Políbio:

*“O senado romano determinou que trouxessem oito legiões para o campo, o que nunca havia sido feito por Roma antes, cada legião consistindo em 5000 homens além de aliados. [...] Maioria de suas guerras foram decididas por um cônsul e duas legiões com uma cota dos aliados; e eles raramente eram empregados todos ao mesmo tempo e sobre um só comando. Mas nessa ocasião, era tão grande o alarme e a preocupação dos romanos sobre o que poderia acontecer que resolveram trazer para o campo não somente duas, mas quatro legiões para o campo.” (Políbio: s/d: p. 264)*

O resultado do embate foi a Batalha de Cannas uma das maiores derrotas romanas e um dos maiores triunfos de estratégia de todos os tempos Varro confiava demais em seus números e em seus soldados Aníbal mostrou nesse dia a verdadeira importância de um bom general e uma boa estratégia de combate.

Apesar da genialidade em batalha Aníbal não conseguiu estabelecer uma estratégia para garantir seus suprimentos e apoio das tribos locais e Roma inicia uma contra ofensiva que obriga Aníbal a retornar a Cartago em 203 aonde no ano seguinte é derrotado na Batalha de Zama por Cipião que utilizou uma variação de sua tática em Cannas para vencê-lo. A terceira guerra púnica foi a ruína de Cartago e devastação de sua capital pelas resentidas forças romanas.

No caráter militar as guerras púnicas mostraram aos romanos as fraquezas de suas forças, Aníbal ensinou duramente aos romanos a importância não só de um grande comandante mas também da flexibilidade e adaptabilidade das táticas as situações de combate como também a cavalaria como calcanhar de Aquiles do exército romano.

Com seu maior rival derrotado a República Romana inicia um processo de expansão para as regiões fora do Lácio dobrando em pouco tempo a extensão de seus territórios e se transformando em uma potência cada vez maior.

### **República: O apogeu da legião**

No século I a.C. após o conturbado período das tentativas de reforma agrária dos irmãos Graco, a atenção de Roma se voltou para as províncias da Numídia, onde o rei Jugurta desapossou dois governantes, e da Gália Transalpina, devido a uma invasão por imigrantes cimbros e teutões vindos da Europa Central. Roma imediatamente enviou legiões para ambas as províncias, mas as guerras mostraram a degradação em que exército romano se encontrava. Em 107 a.C. Caio Mario é eleito cônsul e no mesmo ano capturou Jugurta e pôs fim a guerra na África. Entre os anos 103-102 derrota os teutões em Aix-en-Provence e os cimbros na Itália.

O sucesso de Caio Mario foi produto das reformas por ele realizadas no decadente exército que devolveu o prestígio perdido na guerra da África, tornando o exército romano na temida máquina de guerra da Antiguidade.

Antes das reformas de Mario, para se tornar um soldado era necessário ser membro de pelo menos a quinta classe censitária ou acima, ter uma propriedade no valor de 3000 sestércios e teria que prover seus próprios armamentos. Quando Mário foi eleito cônsul foi-lhe dado à tarefa de concluir a guerra contra Jugurta entretanto, as legiões que estavam disponíveis ao seu antecessor foram postas sobre o comando do cônsul Lucius Cassius Longinus para combater os cimbros na Gália. Mario não tinha exército para comandar. Para superar o problema ele introduziu uma série de reformas no recrutamento, legislação e estrutura militar.

A mais importante dessas reformas foi à inclusão de todas as classes censitárias como candidatos ao exército romano. Como a maioria da população estava fora das classes censitárias não podia pagar por seus armamentos, ele decretou que os armamentos dos soldados fossem bancados pelo Estado e ofereceu aos voluntários um pagamento como soldado profissional. Desse modo, deu a oportunidade de ganhar *status* e de enriquecer com os espólios de guerra assim como uma aposentadoria após o devido tempo de serviço (25 anos).

Também fez mudanças nas estruturas de combate das legiões que passou a contar com 6000 homens. O manipulo (*manipuli*) foi substituído como unidade tática pela coorte; a legião passou a ser dividida em centúrias reunidas duas a duas num manípulo que constituíam as



coortes, decretou também que cada soldado teria de carregar seus próprios equipamentos e preparar suas próprias refeições criando assim uma solução para o fardo logístico do transporte de equipamentos

Mario não criou nenhuma tática de batalha nova ao invés disso deu um novo fôlego ao exército ao modificar o recrutamento a partir das mudanças efetuadas o exército passou a ser permanente e profissional tornando possível uniformizar o treinamento, a disciplina e o equipamento entre todas as legiões da República há ainda sobre Mario a suspeita de que teria acabado com a tradicional classificação tri linear segundo alguns historiadores isso se deveria ao fato de que antes das reformas marianas “a divisão era baseada em riqueza e dinheiro o que com o recrutamento indiscriminado os soldados teriam sido reduzidos a uniformidades” (Webster, 1979: p. 40) algumas fontes confirmam tal suspeito porém outras mostram que a organização tri linear continuava a existir mesmo após Mario. Com as reformas marianas as legiões romanas finalmente se tornaram a famosa maquina de guerra conhecida e invejada na antiguidade.

Para o historiador inglês Edward Gibbon a superioridade da legião romana se deu, pois,

*“A lealdade das tropas romanas aos seus estandartes era inspirada pela influência conjunta da religião e da honra. Águia dourada que rebrilhava à testa da legião tornava-se objeto de sua mais funda devoção; era considerado tão ímpio quão ignominioso o abandono dessa insígnia sagrada numa hora de perigo. Tais motivos, cuja força advinha da imaginação, eram reforçados por temores e esperanças de natureza substancial. Soldo regular, donativos ocasionais e uma recompensa fixa após o devido tempo de serviço aliviavam as durezas da vida militar, ao passo que, de outro lado, era impossível escapar às naus severa das punições por covardia ou desobediência. Os centuriões estavam autorizados a castigar com espancamento, os generais tinham o direito de punir com a morte; era uma máxima inflexível da disciplina romana que um bom soldado tinha muito mais a temer dos seus oficiais que do inimigo. Por via de tais louváveis recursos, o valor das tropas imperiais alcançou um grau de firmeza e docilidade que as paixões impetuosas e irregulares dos bárbaros jamais poderiam alcançar.” (Gibbon, 1989:p.37)*

No século I d.C. a República enfraquecida pelos constantes conflitos e pela guerra civil entre Julio César e Pompeu chega a seu fim e se inicia o período do Império Romano. A transição da República para o Império se deu devido há uma série de conflitos de ordem social, que por fim acabaram mudando o tipo de administração do Estado. As últimas décadas do século I a.C. representaram o final da República romana e o início do Principado, ou seja, a passagem da Roma oligárquica, cujo patriciado mantinha a hegemonia do Estado, para a constituição de um Império, cuja organização social e política encontravam-se amplamente transformada pela extensão das conquistas.

Lembramos que o processo de conquista significou não somente a expansão territorial com a difusão do trabalho escravo e da grande propriedade, mas também a extensão da cidadania fora de Roma, a partir do século I a .C.. Os habitantes do mundo romano estavam unidos por este laço jurídico concedido pela *indulgentia* do imperador.

O período compreendido entre Mario e Augusto apesar de ser um período de grandes generais (Sila, Sertório, Cesar, Pompeu entre outros) houve poucas mudanças na organização do exército as principais seriam a maior penetração de bárbaros com cidadania romana no exército e a transferência do poder do exército do estado para um líder em particular (como é o caso de Julio César e Pompeu por exemplo).

Augusto fez com que o tempo nas forças armadas se tornasse permanente e implementou um série de reformas na administração, finanças e distribuição do exército que o garantiram maior controle e poderes sobre essa instituição como comenta o historiador francês Jean-Michel Carrié:

“A reconversão do exército republicano (que era essencialmente um exército de saqueadores) num exército regularmente administrado e retribuído é certamente um dos frutos mais importantes da obra de Augusto, e essa complexa reestruturação constituiu um excelente ensaio para a solidez das novas instituições” (Carrié, 1992: pg 104)

Séculos mais tarde Constantino criaria o que talvez fosse a ultima grande mudança no exército (isso se desconsiderarmos a introdução de bárbaros não romanos no exército) uma mudança estratégica que substituía a defesa em profundidade das fronteiras por uma estratégia de defesa elástica Constantino criou de uma força central móvel e rápida (*comitatenses*) que se aquartelaria no centro no Império e que seria acionada sempre que as fronteiras do Império se mostrassem em perigo.

O apogeu das legiões foi sem dúvida durante o período da república foi esse período que Vegetio pretendia resgatar em sua obra a Teodósio I, ele via no modelo republicano do exército a chave para resgatar o império da crise em que ele estava mergulhado e devolver as legiões seu antigo status.

## **Conclusão**

É possível ver através do estudo da evolução das forças armadas romanas que estas não atingiram o status de força lendária em um curto período de tempo, na verdade este foi um processo gradual e por vezes custoso em vidas dos soldados, se observarmos a organização da legião mesmo depois de abandonado o modelo grego de falange esta ainda manteve alguma de suas características como a parede de escudos e a formação similar a das

falanges, sua organização adaptava-se ao meio em que teria de ser inserido o próprio Vegetio diz que os soldados algumas vezes treinavam para campanhas específicas o autor deu especial importância ao treinamento militar dos recrutas em seu *Epitoma* e, de fato, pode-se ver que diferentemente dos Espartanos na Grécia os romanos não dispunham uma vida inteira de treinamento para criarem guerreiros de elite mesmo assim dispendo de um curto período de treinamento conseguiam transformar o mais simples homem e um soldado de alto nível e por meio de uma inovadora organização tática e estratégica vencer até mesmo os guerreiros mais poderosos, talvez essa tenha sido a razão pela qual os romanos conseguiram, em meio a tantos povos algumas vezes mais aptos para a guerra que eles (como já diria o próprio Vegetio), ascenderem e criarem um grandioso império, ainda hoje a legião romana ainda é exemplo de organização e eficiência para os exércitos modernos. A excelência do exército romano foi forjada em meio ao calor das batalhas e, diga-se de passagem, foi uma obra de arte de vários mestres.

### Referências

#### Fonte Impressa

VEGECIO, Flavio Renato. *Compendio de Técnica Militar*. Tradução para o espanhol de David Paniagua Aguilar. Madrid: Edit Cátedra/ :Letras Universales, 2006.

#### Bibliografia

ALFÖLDY, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença.1989.

CARRIÉ, Jean-Michel. *O soldado*. In: GIARDINI, A. *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1992, cap. IV, p. 89-115.

CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e política na Roma Antiga*. São Paulo: Editora Atual, 2001.

FERRILL, Arther. *A queda do Império Romano: A explicação militar*. Rio de Janeiro: Zahar.1986.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo. Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1989.

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1993.

POLIBIO. *The Histories of Polybius*: 1889. pg 264-275. Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/ancient/polybius-cannae.html>. Acesso em 20/5/2008.

WEBSTER, Graham. *The Roman Imperial Army*. London: Barnes and Noble Books, 1979.